

CADERNOS DE TEATRO

N.º 5



TEATRO ELIZABETANO

Dá-se o nome genérico de Elizabetano ao período de intensa atividade teatral na Inglaterra que começa em 1576, com a construção do THE THEATER, e vai até 1642, quando a revolução Puritana determinou o fechamento de todos os teatros de Londres. São 70 anos de experiência e transição, nos quais várias etapas da evolução do teatro podiam ser vistas num mesmo dia.

A transição, que tem como ponto de partida os milagres, mistérios e moralidades, passa por várias experiências de "mise-en-scène" e interpretação, muitas vezes sob influência de corte e universidade, mas termina por colocar o drama moderno nas mãos dos atores profissionais. Existiam então na Inglaterra duas tradições distintas — a do teatro popular e a do teatro da corte, e das duas, a primeira é a mais importante, interessante e vital.

No século XVI, até cerca de 1580 o Master of Revels — Mestre dos Festejos — organizava para a corte espetáculos, que variavam da pura mímica até o canto e o diálogo. As "masques", os "interludes" e os "pageants", de montagem complexa e feérica, eram os favoritos dos nobres. Nesses espetáculos de canto, dança e "quadros" alegóricos tiveram significação cada vez maior os grupos de meninos cantores, que passaram dentro em breve a ter caráter semiprofissional. Foi a busca de material dramático, agradável aos olhos, adaptado ao uso do canto e da dança, com ambientes derivados dos ricos cenários dos pageants (porém mais simples e baratos) e que pudesse ser facilmente representado por esses atores-meninos, que criou a comédia romântica elizabetana, pelas mãos de Lyly e Greene, forma essa, que Shakespeare levaria à perfeição.

Não podendo arcar com as despesas das grandes montagens da corte, passaram as companhias profissionais a desenvolver o gênero de drama medieval, que dependia de enredo e interpretação e apresentavam seus espetáculos em palcos totalmente destituídos de cenários, servindo-se de número mínimo de objetos e peças de mobiliário. Foi o alto nível de interpretação das companhias profissionais que lhes valeu um lugar na corte e nos últimos quinze anos do século XVI já é impossível falar de um teatro de corte, independente do teatro popular.

As primeiras companhias dramáticas, que apresentam teatro de forma já elizabetana, davam seus espetáculos em locais vários, mas eram principalmente os pátios das hospedarias que lhes serviam de casa de espetáculos. Estas eram geralmente construções quadradas ou retangulares, com um pátio central para qual davam janelas e balcões. Ao fundo, era montado o palco, móvel que ficava assim projetado para o centro do pátio. Quando James Burbage construiu seu THE THEATER, foi exatamente assim que o planejou. Outros teatros logo apareceram: o Curtain, o Fortune, o Swan, o Rone, o Red Bull e muitos outros, sendo que o próprio THEATER, em 1599, foi desmontado e reconstruído do outro lado do Tâmis, sob o nome de GLOBE, eternamente ligado a Shakespeare e antepassado direto de todos os teatros modernos da Inglaterra.

A primeira e mais importante característica que distingue o teatro elizabetano do medieval, é a diferenciação entre "em cena" e "fora de cena". Nos espetáculos medievais, todos os atores estavam sempre em cena: havia uma parte do palco central ou neutra — a plateae que podia representar qualquer lugar e várias

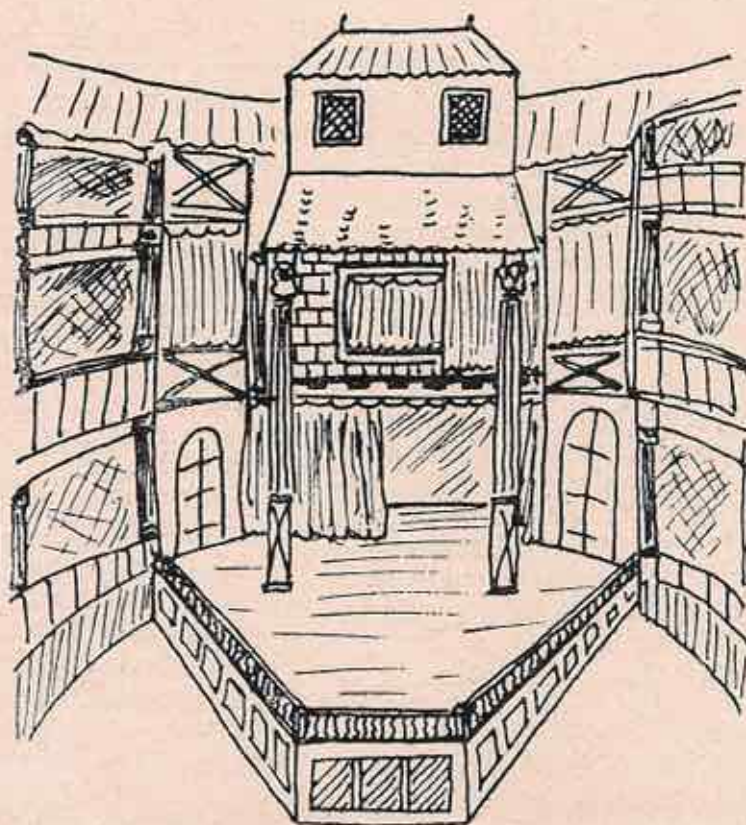
“estações”, “domus” ou “loca”, onde se passavam cenas de local determinado: o céu, o purgatório, o inferno, etc. Os atores, que não tomavam parte em determinada ação, ficavam apenas parados em seu “domus” e era tarefa do público ignorar sua presença. Em sua adaptação elizabetana, o palco que se projetava para o centro do pátio era o campo neutro ou plateae e nêle se passava a maior parte da ação. Ao fundo dêste, no entanto, havia um pequeno palco interior, síntese das “estações” medievais, onde se passavam cenas de localização definida. De cada lado, havia uma porta que permitia, já então, a saída e entrada de atores.

Quando foram construídos os teatros permanentes, o palco tornou-se um pouco mais complexo, pois foi dotado um palco superior (presumivelmente, nos pátios de hospedarias eram usadas em certas cenas as janelas, que ficavam acima do palco montado) e acima dêste havia o que era chamada “hut”, a cabana, de onde desciam deuses, fantasmas, etc.

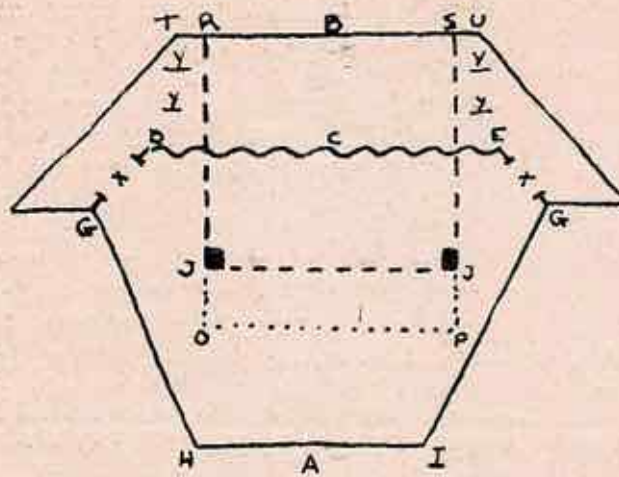
Há, até hoje, uma grande controvérsia sôbre o uso do palco interior e da cortina que, na maioria dos casos, o separava da zona neutra. A ausência quase total de rubricas nas

peças elizabetanas, bem como as características experimentais e os anacronismos dentro da própria época, tornam impossível qualquer conclusão definitiva. O que se sabe é que quanto mais recente a peça, mais nítido se torna o uso do palco interior; nosso palco de moldura é uma resultante da expansão do palco interior e da retração do exterior. Cada vez menos, eram aceitas as cenas de local indeterminado, e maiores facilidades mecânicas tornaram de rigor o uso de cenários e cortina, principalmente no período de reidentificação do teatro com a côrte, no reino dos Stuarts.

O número de teatros em Londres no período elizabetano é grande, e a informação mais específica que temos a respeito vem no Survey de Howe, em 1632, que diz ser o Salisbury Court, que então se inaugurava, “nossa décima sétima casa de espetáculos pública ou particular, a ser contruída nos últimos sessenta anos em Londres.” Note-se que a única diferença entre o teatro público e o particular é ser o primeiro descoberto, à moda dos antigos pátios, e o segundo em recinto fechado, iluminado à vela. Eram ambos igualmente abertos ao público.



Teatro Típico Elizabetano



Planta baixa de teatro elizabetano

XX — PORTAS DO PROCENIO
 DCE — CORTINA
 YY — ROMPIENTOS
 HIDEF — PALCO EXTERIOR
 DEUT — PALCO INTERIOR
 RJJS — CABANA
 JOPJ — TELHADO

DISTANCIAS:

H — I igual 5m.
 F — G igual 12m.
 A — C igual 9m.
 J — J igual 6,5m.
 J — O igual 2m.
 J — R igual 6,5m.
 D — E igual 8m.
 B — C igual 3,5 m

Apesar de sua grande popularidade, os teatros e atores elizabetanos não estavam livres de problemas. A classe média, puritana, e a municipalidade combatiam-nos sistematicamente, e os teatros só eram construídos, ou fora da cidade de Londres propriamente dita, ou então, nas "liberties", zonas dentro da cidade que, por uma razão ou outra, eram independentes da administração municipal. O ator profissional só tinha posição na sociedade como servidor do rei, rainha ou nobre, cuja libré usava para não ser tachado de vadio e sua existência dependia, em parte, dos espetáculos que dava na corte e das excursões que fazia pela província. Os teatros públicos, ao ar livre, dependiam do tempo, cuja incerteza na Inglaterra John Heywood imortalizara com sua "Play of the Weather" em 1533; além disso, havia leis que obrigavam o fechamento dos teatros, cada vez que as mortes por peste excediam a determinado número por semana. Por outro lado,

sofriam duramente quando ficavam muito em voga as companhias infantis (o suficiente para que Shakespeare atribua a excursão dos atores em HAMLET à popularidade das crianças na corte), e muitas vezes Bussy d'Ambois e Othello disputavam plátias com as brigas de galo, os espetáculos de esgrima e os de ursos amestrados.

Nesse teatro transicional, experimental, despojado de cenários e dotado de escassos recursos mecânicos, floresceu um dos mais ricos períodos que o drama universal já conheceu e nele, pela primeira vez na Europa moderna, uma grande forma literária encontrou apóio no povo, mais do que na corte. Atingiu seu apogeu numa democracia heterogênea, numa cultura não totalmente desenvolvida e sem correspondência de triunfo nacional nas outras artes. Mesmo na obra de seu expoente máximo, Shakespeare, o drama elizabetano apresenta características experimentais, ausência de normas definidas e confusão de ideais artísticos com o puro desejo de agradar o grande público. Palco e atores foram instrumentos dos poetas para atingir as massas. Tanto a riqueza quanto a crueza deste drama resultam das condições em que existiu.

Só por volta de 1560 é que se começa a conhecer melhor o nome dos autores de peças populares. A princípio, ganharam fama os que escreviam para os grupos de meninos cantores, mas o que determina o início desse fenômeno, que é o teatro elizabetano, é o aparecimento dos University Wits, um pequeno grupo de escritores que saiu das Universidades e abandonando as formas clássicas que nelas eram adotadas, começa a escrever para o teatro profissional. John Lyly, que começou ligado aos grupos de meninos, foi o primeiro, e Lodge, Peele, Grenne, Nash e Marlowe completam o grupo. Foram os desbravadores, os boêmios que se entregaram de corpo e alma ao teatro, levando vidas dissipadas, a maior parte visitando a prisão por dívidas, brigas ou mesmo heresia, e que revelaram ao povo inglês a magia do drama poético. Grenne escreveu livros, novelas, folhetos, poesias e dramas, em tal quantidade que é difícil descobrir como achava tempo pa-

ra as dissipações que o mataram, na mais completa miséria, aos trinta e cinco anos. Marlowe, reputado ateu em virtude de sua obra, morre aos vinte e nove anos, assassinado numa briga de taverna, mas as poucas peças que deixou, revolucionaram o drama e tornaram popular a tragédia poética. Os poetas tomaram de assalto o teatro, e o seu sucesso trouxe dúzias de imitadores. Aos poucos, os atores de maior sucesso, muitos dos quais fizeram fortuna, iam sendo vinculados às companhias profissionais: The Queen's Men, da qual fez parte James Burbage; The Admiral's Men, Penbroke's Men e outras, das quais fez parte Edward Alleyn, grande ator trágico, companhias de Henslowe, famoso pelo domínio que exercia sobre os autores que trabalhavam para ele, obrigando-os a produzir copiosamente, as mais das vezes em colaboração arbitrária de até quatro autores numa peça só. Finalmente a Strange-Chamberlain's Men, à qual pertenceram Richard Burba-

ge, grande ator trágico, Will Kempe, maior cômico da época, e à qual esteve ligado Shakespeare durante seus vinte anos de produção dramática, escrevendo, em média duas peças por ano. Só Ben Jonson, clássista e meticoloso, manteve-se independente.

Essa ligação dos autores, com determinada companhia e determinado teatro, teve vantagens. A ausência de cenários deu motivo à fantástica riqueza de poesia descritiva e evocativa dos dramas da época e o conhecimento íntimo dos atores e das facilidades materiais, com que poderiam contar, permitiu a autores como Kyd, Marlowe e Shakespeare produzissem as obras primas desse período riquíssimo, que se chamou o teatro elizabetano.

B. H.

Bibliografia: Thorndyke, Ashley H. — SHAKESPEARE'S THEATER.

NOSSA CAPA

Cacilda Becker, em Antígone, produzida pelo Teatro Brasileiro de Comédia, em 1952.